

ASPECTOS CULTURAIS DE POVOS DESENVOLVIDOS E SUBDESENVOLVIDOS COMO CARACTERIZADORES DOS SEUS CONTATOS COM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS — UMA CORRELAÇÃO POSSÍVEL? *

Cultural Aspects of Developed and Underdeveloped Countries as Characterizers of
their Contacts with Foreign Languages — a Possible Correlation?

Kulturelle Aspekte Entwickelter und Unterentwickelter Länder als Charakteristika
ihrer Kontakte mit Fremdsprachen: eine Mögliche Verbindung?

Herzila BASTOS *

RESUMO

Este trabalho pretende ser uma investigação sociológica, bibliográfica, quanto às características de auto-imagem (identidade) de povos desenvolvidos e subdesenvolvidos no contexto do neocolonialismo ocidental no qual vivemos. Tal trabalho objetiva elucidar determinadas hipóteses de reações diversificadas desses povos frente a línguas estrangeiras, por exemplo, a) brasileiros que carregam para o aprendizado da língua inglesa o seu sentimento de admiração pela cultura americana ou inglesa ou, exatamente por não concordar com seus valores, não aceitam tal aprendizagem; b) americanos e ingleses que são indiferentes ao estudo de línguas de povos do terceiro mundo ou que têm curiosidade em aprendê-las para verem o exótico desses povos.

Tentar-se-á responder, sem qualquer pretensão de se ter a resposta definitiva, a perguntas como — 'porque todos os povos ex-colonizados, atualmente do terceiro mundo, têm o estigma da preguiça, da irresponsabilidade, da vocação ao fracasso?' 'Seria mera coincidência?'

Num primeiro momento, este artigo levanta hipóteses para, em seguida, em dois tópicos, apresentar um questionamento histórico, baseado na leitura de autores africanos e brasileiros. A seguir a autora consolida suas hipóteses e levanta questões.

SUMMARY

This paper aims at being a sociological and bibliographical investigation as to the characteristics of self-image (= identity) of developed and underdeveloped countries in the occidental neocolonialism we live in. It is due to an attempt to clarify certain hypotheses concerning different reactions these peoples have in relation to foreign languages, e.g., a) Brazilians who bring to their learning the English language the same admiration they have in relation to the culture of the native speakers; b) American and English people who are indifferent to the study of languages of peoples of the third world or who are curious to learn them to get in touch with the exotic trend those cultures present.

The writer will try to answer, with no intention to have a definite solution, some questions such as — 'Why are all the peoples who were once colonized lazy, irresponsible, prone to failure?' 'Would it be a coincidence?'

At a first step this article raises hypotheses and later, in two sections, the writer presents a line of thought based on the historical questioning of African and Brazilian writers. Then she repeats her hypotheses and raises some questions.

Este trabalho pretende ser uma investigação sociológica, bibliográfica, quanto às concepções que se tem das culturas de países desenvolvidos e subdesenvolvidos econômica e politicamente. Tal classificação de países se ancora no sistema do neocolonialismo, que discutiremos posteriormente. Tentarei

fundamentar minha hipótese de que características culturais atribuídas a esses países podem vir a explicar as reações diferenciadas que seus povos e segmentos sociais apresentam face ao ensino de

* Faculdade de Letras
UFMG

línguas estrangeiras, sejam elas dos 'dominadores' ou dos 'dominados' no contexto do neocolonialismo. Sendo assim, poderíamos levantar a hipótese de que a reação de povos subdesenvolvidos frente a línguas e culturas de povos desenvolvidos compreende duas atitudes opostas — como nos apontou Solange Ribeiro de Oliveira (1986) — e uma intermediária: um deslumbramento pela cultura estrangeira, o que acarreta um exacerbamento dos valores daquele país e de sua língua, em detrimento do nacional, estando esta postura em total oposição à de uma resistência ideológica inexpugnável a tudo o que venha do povo que supostamente 'subjuga' os nativos do país subdesenvolvido. Essa xenofobia direcionada contra o 'dominador' pode causar problemas a uma nação em desenvolvimento, além de perpetuar as ligações de dominação, uma vez que os mitos não se desfazem. A indiferença pela cultura estrangeira seria a atitude intermediária que mencionamos. Por outro lado, povos desenvolvidos podem apresentar uma postura de indiferença ou de curiosidade pelo exótico da cultura e da língua de países subdesenvolvidos.

Estou ainda tentando uma forma empírica de provar a existência de uma relação entre esses dois fatores (reações frente às culturas estrangeiras e posturas frente às línguas desses povos). Daí esta investigação ser por enquanto uma pergunta. Contudo, este trabalho seria o meu primeiro esforço no sentido de correlacionar os dois fatos, apesar da falta de bibliografia no que se refere ao segundo fator a ser tomado — as posturas. Na verdade, só tenho conhecimento de um trabalho de pesquisa, realizado pelo Professor Luiz Paulo Moita Lopes, da UFRJ, sobre atitudes de professores de Inglês do Rio de Janeiro face ao ensino que ministram, segundo o qual a maioria deles apresenta deslumbramento pela cultura estrangeira. Minhas observações sobre este tópico serão, então, basicamente fruto de minhas próprias experiências.

Creio que uma visão mais clara de fatos históricos e sociais que possam explicar o status atual atribuído às culturas nacional e estrangeiras muito venha a contribuir para um posicionamento mais consciente frente ao ensino de línguas estrangeiras em particular e frente ao ensino de forma geral. Um questionamento do ensino como um todo faz-se necessário uma vez que inegavelmente a educação, como forma sistemática de transmissão de cultura, tem muita relevância no forjar da maneira de pensar de um povo, corroborando mitos ou derrubando-os, sendo questionadora ou meramente reprodutora de valores já existentes nas formas assistemáticas de transmissão cultural (tradição oral, comunicação de massa, etc.). Se queremos nos educar e ao nosso povo, precisamos tentar entender *porque* reagimos de determinada maneira e *porque* nos sentimos tão bem ou tão mal com isso. Apenas possuidores, como nação, desse conhecimento, teremos a chance de verdadeiramente escolher um caminho a seguir. Enquanto nos julgarmos tristes vítimas de um determinismo cultural e etnológico sem explicação, jamais nos sentiremos capazes de uma escolha madura, mesmo se a estivermos fa-

zendo — o germe da desconfiança e da auto-punição estará sempre presente.

As citações deste trabalho vindas dos autores africanos Fanon e Memmi terão necessariamente uma perspectiva histórica do terceiro mundo. Creio na importância de a história ser contada pelo lado dos ex-colonizados, de uma forma madura e crítica. Autores brasileiros como Nelson Werneck Sodré e René Dreifuss também serão citados neste trabalho de reflexão, na mesma tentativa de uma contraposição de suas visões à oficial, passada nas escolas, onde nenhum fato histórico é explicado, cada qual envolto numa densa névoa de impessoalidade, como denuncia a autora Ana Lúcia Goulart de Faria (1987:33):

'tudo vem do céu para a terra e não da terra para o céu. Vontade aqui também é a-histórica. O que permite concluir que o homem tem a sociedade que merece.

... nem sempre é o homem que faz a história, as coisas acontecem por acaso. Os verbos 'surgir' e 'aparecer' são muito usados no seu caráter impessoal justamente porque não há processo histórico.' (Ideologia do Livro Didático)

Existem coincidências históricas entre a África e a América em termos de colonização. Fanon (1979) chega mesmo a lamentar que os países africanos não tenham aprendido com as experiências da pós-independência na América do Sul. A nossa situação no Brasil difere apenas um pouco da que nos fala Moffat (1975):

'Toda latinoamerica sufre a cuatrocientos años del descubrimiento y la conquista, de una situación de oposición y sojuzgamiento entre los europeos 'civilizados' y los nativos 'barbaros'. La Argentina sufrió un proceso especial dentro de Latinoamérica, debido a que la población indígena fue en gran parte eliminada y absorbida genéticamente quedando el país (y especialmente Buenos Aires) con una gran proporción de población blanca europea.' (1975:75).

Na verdade, cada povo tem a sua vertente especial nesse processo global de colonização, concebido como ocupação produtiva (Sodré; 1985:5). Este autor nos diz que no caso do Brasil houve uma civilização totalmente transplantada, a classe dominante sendo composta pelos portugueses e a dominada pelos negros escravos. Os nossos índios foram relegados a um papel irrelevante:

'... outro tipo de áreas coloniais é definido por aquelas em que já existe produção e até comércio: são as orientais, e, em parte, as africanas. Os elementos destinados à empresa de colonização, isto é, de ocupação produtiva — no caso do Brasil — provêm do exterior, são para aqui transplantados, tanto os senhores — os que exploram o trabalho alheio — como os

trabalhadores — os escravos. Uns vêm da Europa, em reduzido número, outros da África, em avultado número, quando a empresa produtora parece acabada, quando em pleno funcionamento. Assim, provêm do exterior tanto os elementos humanos como os recursos materiais. A empresa se destina, a enriquecer os que exploram o trabalho, a produção se destina a mercados externos. Está condicionada, historicamente, pela etapa da manufatura: só quando a produção, no fim do medievalismo, evolui do artesanato, ampliando-se na manufatura, surge a necessidade histórica do mercado mundial, e, portanto, das grandes navegações e descobrimentos marítimos. A contribuição da nova área é apenas a terra — abundante e inculta. A colônia torna-se objeto porque, para a produção, só pode proporcionar o objeto. Numa produção transplantada, e montada em grande escala, para atender exigências externas, surge naturalmente uma cultura também transplantada.' (1985:5)

Contudo, chamo a atenção para o fato de que este estudo quer focalizar muito mais as implicações do processo da colonização no momento presente do que num passado colonial, apesar da ligação inegável entre eles. Repito que uma abordagem histórica dialética, no sentido que dá voz aos povos ex-colonizados para que eles contem a sua história, é necessária para um entendimento dos aspectos sociológicos que nortearam as culturas de países desenvolvidos e subdesenvolvidos a adotarem as identidades (auto-imagens) que apresentam hoje e que me parecem determinantes de suas reações frente a línguas estrangeiras. É este o objetivo deste trabalho: questionar a existência desta correlação.

I — PRIMEIRO MOMENTO: DICOTOMIA COLONIZADOR X COLONIZADO NOS PAÍSES DE TERCEIRO MUNDO DURANTE O PERÍODO COLONIAL

a) *Características e artifícios empregados pelo colonizador na colônia*

Segundo MEMMI, (1977) motivos puramente econômicos levaram o colonizador a expatriar-se, apesar de ele falar também em aventura e no pitoresco da nova vida. Contudo, como o autor pergunta,

'Porque não procurou esses aspectos na Arábia ou simplesmente na Europa Central, onde não se fala sua própria língua, onde não encontra um grupo importante de compatriotas seus...?' (p. 25).

O autor também constata:

'... as cabeças pensantes da burguesia e da colônia tinham compreendido que o essencial da colonização não era nem prestígio da bandeira, nem a expansão cultural, nem mesmo o controle administrativo e a salvação de um

corpo de funcionários. Admitiram que se pudesse transigir em tudo, desde que o principal, quer dizer, as vantagens econômicas, fosse salvo.' (p. 23)

Através da subversão das normas vigentes, que devem se ajustar a uma nova ordem de exploração, o colonizador torna-se um usurpador, não apenas aos olhos do colonizado, quanto aos seus próprios. Nesse ponto começa um jogo de imagens no qual o colonizador luta para legitimar, inclusive para si mesmo, a todo custo, a sua usurpação. Diz MEMMI:

'Como pode a usurpação tentar passar por legitimidade? Duas operações parecem possíveis: demonstrar os méritos eminentes do usurpador, tão eminentes que clamam por semelhante recompensa; ou insistir nos deméritos do usurpado, tão graves que não podem senão suscitar tal desgraça. E esses dois esforços são de fato inseparáveis. Sua inquietude, sua sede de justiça esta série de equívocos, a nível interno vivencia-se a dominação de classes, com as mesmas características da dominação a nível internacional. É nesse contexto de escamoteação da verdade que os povos se inserem e aprendem línguas estrangeiras.

Baseado neste estudo bibliográfico e na nossa experiência, poderíamos lançar as seguintes hipóteses: povos de países desenvolvidos, sentindo-se superiores aos de países subdesenvolvidos, podem ver-se curiosos por conhecer a identidade exótica e estereotipada dos países em desenvolvimento, da qual têm notícia desde o tempo em que essas nações eram colônias. Podem também apresentar uma postura de indiferença frente a esses povos, cômicos da falta de seriedade que os caracteriza.

Por outro lado, nos países de terceiro mundo, por razões históricas, o problema pode se complicar e três posturas podem aparecer em relação às línguas dos povos desenvolvidos:

a) a burguesia nacional, altamente beneficiada por sua situação de intermediária, sente-se identificada e incentiva a identificação com a cultura estrangeira, especialmente aquela que mais diretamente influencia nas decisões nacionais. Essa classe apresentaria uma postura de deslumbramento face a essa cultura.

b) a classe média, cuja característica é o trabalho não manual, apresentaria seu auto-retrato depreciativo quanto aos povos desenvolvidos, herança atávica dos tempos coloniais, perpetuado na atualidade através de propaganda, do controle de informações, do sistema educacional seguindo os padrões de impessoalidade e de postura acritica frente aos fatos históricos e da própria crença em auto-imagens estereotipadas. Contudo, essa classe, indecisa entre aceitação e rejeição da burguesia, parece se subdividir quanto a suas posturas: há uma fração que pende a denegrir a imagem da burguesia, apesar de sustentá-la com seus conceitos e trabalhos intelectuais. Essa classe média tem valores que a levam a depreciar essa burguesia, valores estes religiosos, éticos e ideológicos que recriminam a riqueza e o esbanjamento. Essa fração pode apresentar resistência ideológica contra a língua e a cultura do

'dominador'. O seu complexo de colonizado se resolve pela negação da metrópole, pela abolição de tudo o que venha de lá. Por outro lado, a outra fração admira a burguesia, inveja-a e deseja para si o poder que ela tem em suas mãos. Essa fração apresentaria deslumbramento pela cultura estrangeira. Para esses, há uma tentativa de aculturação. O complexo de colonizado seria resolvido pela identificação com os valores da metrópole.

c) a classe trabalhadora (maior parte das nações do terceiro mundo) tem sua auto-imagem depreciativa marcada em relação à burguesia e, por extensão, à classe média. Para essa classe não há preocupação direta de confronto de imagens com o estrangeiro. Sua dominação psicológica é dupla e a mais imediata (da burguesia nacional) já é tão forte que nem lhe permite vislumbrar a outra. Essa classe apresentaria indiferença pela cultura estrangeira.

Ao lançar estas hipóteses, estou também dizendo que a postura de um americano ou inglês será diferente ao estudar Francês do que o seria ao estudar Espanhol. Supostamente haverá reverência pelo Francês e indiferença ou curiosidade pelo exótico da chamada 'cultura latina'. Do mesmo modo estou implicando que um brasileiro estudando Inglês ou Francês reagirá diferentemente de como reagiria estudando Espanhol. Provavelmente haverá indiferença pelo lado cultural do último estudo, devido ao separatismo de povos irmãos, explicado por FANON (1979).

Estas hipóteses ainda não estão comprovadas. Este estudo é também uma reflexão sobre o ensino em geral e o de línguas estrangeiras em especial. Creio que o quadro de determinismo étnico, desânimo e de auto-depreciação não se alterará enquanto a educação não perder a sua postura acrítica e não apresentar os fatos políticos e sociológicos dentro de uma perspectiva dialética na qual se conheça as várias versões do mesmo acontecimento e não apenas aquela que já vem veiculada pelas formas assistemáticas de transmissão de cultura.

O ensino de línguas não escapa a essa característica norteadora do nosso sistema educacional, mas insisto que esse ensino pode, ao lado principalmente da Comunicação e Expressão, da História e das Ciências Sociais, contribuir para uma postura mais realista do nosso povo frente às nossas potencialidades, por razões óbvias, também advogadas pelo professor Moita Lopes, da UFRJ: o objeto de estudo é, em si, uma oportunidade de conhecermos culturas estrangeiras criticamente, estabelecendo relações quanto a porque nos vemos deste jeito e a eles daquele outro (ou do mesmo jeito que nós, no caso de culturas de povos de terceiro mundo).

Considero o ensino crítico de Inglês, num momento de dominação ideológica dos povos de origem dessa língua, de fundamental importância. Uma

xenofobia em relação a esses povos agora somente perpetuaria mitos. Seria tão mau quanto a exposição deles de forma deslumbrada. Neste último caso pelo menos esses mitos estão aí, na nossa frente, para que os enfrentemos de forma madura. Acredito que a escola possa e deva ser usada para esta desmistificação.

Se essa postura de escamotear a verdade não se alterar, o estudo de línguas de povos de terceiro mundo, como o Espanhol, seria muito danoso, uma vez que não se exploraria o imenso potencial de conhecimento e força de união e identificação que poderia advir desse estudo. Ao contrário, como os povos latinoamericanos apresentam as mesmas dificuldades históricas e ideológicas que nós, este estudo seria no máximo a confirmação de que os povos latinos, sem exceção, não têm solução, jogando-nos mais profundamente ainda no determinismo étnico e cultural, isto se os alunos se interessarem pela cultura desses povos.

O nosso objetivo deveria ser o de uma aula de língua estrangeira, seja ela qual fôr, em que houvesse conscientização cultural, contrastiva produtivamente, com base na história, tudo isto visando um crescimento no sentido de uma maturação cultural nacional legítima, baseado no auto-conhecimento real e não no auto-achincalhamento ou auto-valorização inconseqüentes.

Um bom modo de se chegar à cultura de um povo é a sua literatura. Pelo menos esta é a crença geral, da qual compartilho. Cabe uma pergunta: não estará a literatura eivada de auto-imagens equivocadas e estereotipadas? Creio que deve-se fazer uma tentativa de aumento do espírito crítico do aluno de tal forma que ele perceba as nuances de auto-imagem tanto no estudo de língua quanto no de literatura. Cabe a quem lidar com estes dois objetos de estudo saber ler além das palavras também no sentido cultural e histórico e não apenas no estritamente gramatical ou literário.

Creio que deve haver preocupação com o assunto enfocado neste trabalho para que, ao menos desconfiados de ter encontrado uma possível explicação para nossas reações culturais como um todo, possamos fazer, como nação, uma escolha entre sermos deterministicamente preguiçosos, despreparados, etc., país inviável, ou uma nação que entende porque apresenta esses estigmas, sente onde estão os problemas e tenta resolvê-los conscientemente. Ou, como implica MOFFAT (1975): parar de 'empujar um bote desde adentro del bote', mas ver o problema objetivamente, com distanciamento. Para tal, o entendimento de como chegamos a tal situação é imprescindível. A história contada por Sodré, Dreifuss, Moffat, Fanon e Memmi, além de outros, não pode ficar restrita a quem lida com Sociologia ou Psicologia, apenas. Tal história deveria ser de domínio público.

BIBLIOGRAFIA

DREIFUSS, René. *A internacional capitalista: estratégias táticas do empresariado transnacional 1918-1986*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1986.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurênio de Melo. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

FARIA, Ana Lúcia G. *Ideologia no livro didático*. 6ª ed. São Paulo, Cortez Editora-Autores Associados, 1987.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Colbisier. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MOFFAT, Alfredo. *Psicoterapia del oprimido: ideologia y técnica de la psiquiatria popular*. 3ª ed. Buenos Aires, Editorial-Librería ECRO S.R.L., 1975.

MOITA LOPES, Luiz P. 'Yes, nós temos bananas' ou 'Paraíba não é Chicago não: um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil', *Educação e Sociedade* 4(1982:113-31).

OLIVEIRA, Solange R. 'Ideology, education and the English teacher', *Estudos Germânicos* 5 (1984):331-52.

SODRÉ, Nelson W. *Síntese de história da cultura brasileira*. 13ª ed. São Paulo, Difel, 1985.